

# Consciência e Intencionalidade na Fenomenologia de Edmund Husserl

Consciousness and Intentionality in the Phenomenology of Edmund Husserl

Ricardo Pinho Souto  
(Universidade Católica de Pernambuco, Brasil)

José de Sá de Araújo Neto  
(Universidade Católica de Pernambuco, Brasil)

## Resumo

O presente artigo visa discorrer sobre um dos conceitos centrais na fenomenologia husserliana: o conceito de intencionalidade. De saída, ressalta-se que a consciência é necessariamente intencional por partir da relação básica constituída pelo par indissociável sujeito/objeto. Tal conceito de intencionalidade põe em destaque o movimento da consciência em direção ao objeto e, mais ainda, essa propriedade cumpre um caráter universal, fazendo-se presente no funcionamento psíquico do homem.

**Palavras-chave:** Edmund Husserl. Fenomenologia. Consciência. Intencionalidade.

## Abstract

This article aims to discuss one of the central concepts in Husserlian phenomenology: the concept of intentionality. At the outset, it is emphasized that consciousness is necessarily intentional because it starts from the basic relationship constituted by the inseparable subject / object pair. Such a concept - intentionality - highlights the movement of consciousness towards the object and, even more, this property fulfills a universal character, making itself present in the psychic functioning of man.

**Keywords:** Edmund Husserl. Phenomenology. Consciousness. Intentionality.

## 1 Introdução

No itinerário de elaboração do conceito de intencionalidade, Edmund Husserl (1859-1938) refaz o percurso metodológico desenvolvido por René Descartes (1596-1650). O método cartesiano objetiva operar uma radical revisão no âmbito da filosofia e das ciências. No entanto, como pode-se notar nas Conferências de Paris<sup>1</sup>, mesmo Husserl reconhecendo o Ego cartesiano como a primeira verdade apodítica (HUSSERL, 1992, p. 2), há uma rejeição acerca do modo como Descartes o concebeu.

Para Husserl, a consciência encontra-se em estado relacional, sendo sempre consciência de algum objeto e os objetos só têm sentido para uma consciência. Ou seja, embora Descartes seja seu ponto de partida, Husserl descarta a clássica noção do Ego enquanto substância, afastando-se, assim, da metafísica cartesiana. Nesse ponto, o método fenomenológico distancia-se de Descartes, pois a intencionalidade representa uma noção egológica necessariamente relacional, noção essa traduzida no próprio direcionamento que a consciência tem em relação ao objeto. Para perceber essa relação, deve-se retornar às intuições originárias, isto é, ao modo como os fenômenos nos aparecem. O que requer uma suspensão das intenções naturais, para a sua contemplação. Ora, os fenômenos possuem uma multiplicidade de aspectos; no entanto, aparecem na consciência como uma unidade idêntica a si mesma, pois ela tem a capacidade de ligar os aspectos ou estados vividos a outros por meio da síntese. Cada estado vivido

---

<sup>1</sup> As citações das Conferências de Paris, pronunciadas por Edmund Husserl na Sorbonne em 1929, encontradas neste trabalho, são extraídas da edição de 1992 dos tradutores Artur Morão e António Fidalgo. Mais informações nas Referências Bibliográficas.

tem uma duração e, conseqüentemente, apresenta-se como modos temporais, que são a origem da consciência temporal.

Nenhum filósofo do passado teve, de facto, uma influência tão decisiva sobre o sentido da fenomenologia como o maior pensador da França, René Descartes [...] Foi de um modo muito direto, diga-se expressamente, que o estudo das meditações cartesianas interveio na nova configuração da fenomenologia nascente e lhe deu a forma de sentido que agora tem e que quase lhe permite chamar-se um novo cartesianismo, um cartesianismo do século XX. [...]

Se atendermos ao conteúdo das meditações, hoje para nós tão estranho, bem depressa se leva a cabo um retrocesso ao ego filosofante [...] é o conhecido retrocesso, originador da epoché, ao ego das puras cogitationes. É o ego que a si se encontra como o único ente apoditicamente certo, enquanto põe fora de vigência a existência do mundo, como não garantida frente à dúvida possível.

Ora, este ego realiza, antes de mais, um filosofar seriamente solipsista. Procura caminhos apoditicamente certos pelos quais lhe seja patente uma exterioridade objetiva na pura interioridade (HUSSERL, 1992, p. 1-2).

A proposta de Husserl partia de uma releitura do pensamento de Descartes e das conseqüências de seu dualismo psicofísico, mas em muito divergia do que ele chamava de solipsismo cartesiano. A dúvida metódica, vista como caminho por excelência para se chegar à verdade, levou o filósofo francês à descoberta de três substâncias, entendendo substância como aquilo que existe por si mesmo: a *res cogitas* (alma), a substância com

propriedade de pensar; a *res divina* (Deus), substância eterna, infinita, perfeita e a *res extensa* (matéria), uma substância não-pensante, detentora de extensão, imperfeita e finita. Descartes compreendia que a alma era poderia ser compreendida apartada do corpo, existindo independentemente dele.

Ao chegar à conclusão de que a primeira evidência indubitável era o *ego cogito*, Descartes postula a subjetividade como prioritária na ordem do conhecer. Partindo das *cogitationes*, chega à demonstração da existência de Deus mediante a concepção das ideias inatas como sendo a “marca” da ação de Deus em nós. Diferentemente das adventícias (provenientes dos sentidos) e das factícias (provenientes da imaginação), as inatas são ideias produzidas pelo *intellectus* sem o acesso às experiências e que estão no mais profundo da mente, representam as essências verdadeiras, eternas e imutáveis, logo, são o fundamento de todo saber científico. Posteriormente, chega também à demonstração da existência do mundo.

Dessa forma, o homem que busca a verdade não pode apoiar-se em conjecturas baseadas nos sentidos, pois estes conduzem à conhecimentos incertos e enganosos. Mas deve buscar a verdade por meio de duas operações da razão: a intuição, que consiste na formação de conceitos, nos quais não há qualquer dúvida, a partir de um ato puro e atento da inteligência; e a dedução, ou seja, um encadeamento de intuições, compondo relações lógicas e passando de antecedentes verdadeiros (as premissas) para o conseqüente (ou conclusão) logicamente válido. O saber, aos moldes de Descartes, só pode ser construído com solidez mediante um esforço individual de conceber e apreender total e claramente os

objetos do conhecer.

Essa nova perspectiva da relação do espírito com o mundo, inaugura uma visão acerca do homem, que iniciará o subjetivismo moderno. Contudo, Husserl discordava de Descartes, justamente, porque considerava que a inteligibilidade se encontra nas coisas mesmas que se apresentam como são à consciência. Ademais, enquanto Descartes considerava o homem uma substância pensante e imortal habitando em uma substância extensa, o corpo, o qual, pelo movimento de suas partes, confere-lhe vida; Husserl compreendia o homem como um ser no mundo cuja condição da possibilidade do conhecimento era a correlação entre a consciência e o mundo.

## **2 O problema das ciências no contexto europeu aos fins do século XIX e início do século XXI**

Tratemos de entender o ambiente intelectual no qual surgiu a proposta de Husserl. Com o despontar e o gradativo desenvolvimento do positivismo, bem como das ciências naturais ao longo dos séculos XVII, XVIII e XIX, o modo de “fazer ciência” voltou-se, quase que unilateralmente, para o mundo das observações e comprovações empíricas. Para tanto, considerou-se que a subjetividade deveria ser obrigatoriamente separada da atividade científica, caso contrário, seria um obstáculo para a neutralidade e imparcialidade, que legitimam os resultados alcançados. Por outro lado, com o neokantismo, muitos intelectuais passaram a enveredar por uma espécie de logicismo, ou seja, um “trancamento” da consciência e de suas significações interiormente ao homem, ao contrário do mundo exterior, conteúdo à disposição das formas mentais. Husserl recusa considerar

a subjetividade como uma instância separada.

No cenário acima descrito, houve uma conseqüente transposição do método das ciências naturais para as ciências humanas (ou como Dilthey as denominava, ciências do espírito), o que desencadeou a ruptura entre a consciência e o mundo-da-vida (*Lebenswelt*). A fenomenologia quer ser uma alternativa para a construção de um novo discurso filosófico que esclareça sua própria origem e possa justificar-se a si mesma. Mas, acima de tudo, o esforço fenomenológico visa estabelecer os fundamentos rigorosamente científicos para a filosofia, tornando-a um saber radical e sem pressuposições. Husserl esforçar-se tanto em resgatar o mundo-da-vida quanto em revelar que tudo o que é produzido e descrito pelo homem está a ele misturado, isto é, perpassa a sua subjetividade constituinte. Ele considerava que a experiência vivencial é um modo de conhecer o mundo e a si mesmo de forma autêntica.

Podemos, então, corroborar com Borba e Souza (2014, p. 16), quando afirmam:

A fenomenologia pensada por Edmund Husserl emerge nesse cenário assumindo uma posição contrária ao naturalismo e ao psicologismo. Sua intenção é apontar a possibilidade de construir um conhecimento científico de rigor que possa dar conta dos fenômenos humanos através da concessão de um lugar especial à subjetividade, à compreensão das vivências subjetivas. [...]

O método fenomenológico criado por Husserl aborda a questão da subjetividade colocando-a como constituinte da forma humana de ser-no-mundo.

O mundo-da-vida, acima referenciado, pode ser entendido como pré-científico, ou primário. Husserl quis com essa nomenclatura evocar o mundo sociocultural ou concreto, o todo contextual da experiência humana, ou seja, onde se dão as experiências vivenciais constitutivas da consciência de cada indivíduo. A ciência é uma das diversas vivências humanas que, como as demais, decorre do mundo-da-vida e insere nele traços de cientificidade, logo, podemos afirmar que o mundo científico é secundário, pois ele é decorrente de um tipo de vivência ao longo dos séculos. O Mundo-da-vida, por sua vez, é o primário, pois é o horizonte contextual que abarca e onde se desenvolvem os variados fenômenos humanos, que devem ser tomados em seu teor vivencial.

A fórmula inicial da fenomenologia não tem a pretensão de negar o conhecimento construído na ciência e na filosofia, apenas requer para si o direito de excluir qualquer perspectiva teórica sobre as coisas para que se possa ir espontânea e livremente até elas, i.e., deixar aparecer à coisa mesma (GOTO, 2008, p. 74 apud BORBA e SOUZA, 2014, p. 30-31).

Baseando-nos no que foi exposto acima, podemos afirmar que é o mundo-da-vida que dá sentido à própria ciência, e não o contrário. Contudo, o mundo-da-ciência, com os seus métodos complexos e resultados atestados pela “imparcialidade” dos experimentos controlados, ocultou o mundo-da-vida. Ou seja, mesmo se não somos peritos nas diversas áreas científicas, há sempre um pressuposto presente e atuante: para ser válido ou verdadeiro deve passar pela comprovação científica, e, até

mesmo, se é inválido ou falso somente o é porque não foi atestado cientificamente.

E, mais do que isso: é quase como se as coisas só passassem a existir a partir do momento que se submetem e são aprovadas pelo crivo da ciência. É como se houvesse sempre uma verdade última sobre as coisas, que não me é dada na minha experiência e que apenas a ciência pode me oferecer. Assim, nos escondemos atrás do discurso frio e objetivo da ciência, e gradativamente desautorizamos nossas experiências vividas, e nos dessensibilizamos para a dor e o sofrimento dos nossos semelhantes (STRUCHINER, 2007, p. 243).

### **3 Noese e Noema e a Intencionalidade da Consciência**

Cabe diferenciar, em fenomenologia, o que se configura como ciência noética e ciência noemática, conseqüentemente, deve-se abordar, mesmo que sucintamente, o que Husserl entende tanto por Noese (*Νόησις*), quanto por Noema (*Νόημα*) (ZITKOSKI, 1994). A partir desse esclarecimento, poderemos discorrer sobre a intencionalidade da consciência em Edmund Husserl. De saída, tem-se a conceituação do termo intencionalidade, como concebida pelo autor:

A intencionalidade, enquanto propriedade fundamental da minha vida psíquica, designa uma peculiaridade que me pertence realmente a mim enquanto homem e também a cada homem quanto à sua realidade psíquica (HUSSERL, 1992, p. 31).

Husserl entende por ciência noética o estudo da

Noese, ou seja, do fluxo intencional próprio da consciência no ato de visar um objeto em seu mundo. A propriedade fundamental da consciência é, justamente, a intencionalidade. Logo de início, conforme a intencionalidade husserliana, podemos dizer que a consciência não é uma coisa, mas um movimento (uma espécie de deslocamento orientado para o que não é a consciência mesma) constituído de atos, visando sempre alguma coisa. Por outro lado, a ciência noemática estuda o Noema, o objeto extático visado pela consciência, o *cogitatum*. Em outras palavras, Noema é o objeto ou o mundo reduzido à consciência. Vale ressaltar que “cada *cogito* tem em si, como visado, o seu *cogitatum*” (HUSEERL, 1992, p. 11), ou seja, não modificando em nada o mundo exterior, cada experiência é, própria e imediatamente, experiência dele. Conseqüentemente, cada pensamento, enquanto ato intencional da consciência, traz em si o objeto, não como está no mundo, mas, sendo visado, como se encontra na consciência.

Dentre tantas formas de conceituar fenômeno, podemos entendê-lo como tudo o que, intencionalmente, se apresenta à consciência, sendo para esta uma significação. Assim, o mundo, após passar pelo esforço metodológico da redução fenomênica, pode ser entendido como o conjunto das significações. O objeto intencional (ou fenômeno) está presente à consciência, mas não faz parte dela. Dessa forma, o fenômeno, isto é, o imediatamente dado à consciência (sem pressupostos), é o ponto inicial da fenomenologia, uma vez que, o modo do aparecer das coisas faz parte do seu ser; as coisas não apenas existem no mundo, mas manifestam a si mesmas como são na consciência. Em cada fenômeno, há uma essência, isto é, uma modalidade típica de aparecer, que

não se reduz ao fato. Aqui, achamos propício trazer as palavras de Urbano Zilles (2002, 21-22):

A intencionalidade é de natureza lógico-transcendental, significando uma possibilidade que define o modo de ser da consciência como um transcender, como o dirigir-se à outra coisa que não é o próprio ato de consciência. Distingue duas espécies de intencionalidade: a) uma *intencionalidade temática*, que é o saber do objeto e saber deste saber sobre o objeto; b) uma *intencionalidade operante*, que é a visada do objeto em ato, ainda não refletida. A primeira tenta alcançar a segunda, que a precede, sem nunca consegui-lo [sic]. O saber consciente só se exerce sobre este fundo de irreflexão nessa dimensão de vida que já é sentido porque visada de objeto, mas sentido ainda não formulado.

Sendo a intencionalidade a propriedade fundamental da consciência, as suas vivências (tudo o que se encontra na consciência) direcionam o sujeito pensante (cogitans) para o seu objeto visado (*cogitatum*). A intencionalidade Husserliana, diferentemente do modo como a entendia o seu mestre Franz Brentano<sup>2</sup> (1838-1917), é caracterizada por ser uma correlação entre o sujeito e o objeto, a consciência e o mundo, ambos se definindo e produzindo sentido, o que torna possível que os fenômenos humanos sejam percebidos em seu teor vivencial, ou seja, a consciência é como uma corrente de experiências vividas.

---

<sup>2</sup> Segundo Franz Brentano os atos da consciência, por serem derivativos de experiências vividas consagradas, devem ser estudados pela psicologia descritiva estrita.

Toda a nossa consciência está direcionada a objetos [...] cada ato de consciência, cada experiência é correlata com um objeto. Cada intenção tem o seu objeto intencionado [...] em fenomenologia, intenção significa a relação de consciência que nós temos com um objeto [...] há tipos diferentes de intencionalidades, correlacionados com tipos diferentes de objetos (SOKOLOWSKI, 2014, p. 17. 21).

Enquanto Franz Brentano se voltou ao estudo da intencionalidade nos fenômenos psíquicos, Edmund Husserl volta o seu esforço para o estudo fenomenológico da intencionalidade por meio da redução fenomenológica. Método este que consiste na suspensão de todo resquício de experiências passadas na consciência, visando descrever o mundo tal como aparece à consciência. Em seguida, a redução eidética, a saber, a suspensão de todos os pressupostos ainda presentes até chegar ao modo típico com o qual o fenômeno se dá à consciência, ou seja, a “análise intuitiva das essências da evidência perceptiva” (CASTRO e GOMES, 2015, p. 92). Por fim, em um esforço ainda maior, segue-se a redução transcendental, isto é, todos os atos intencionais da consciência são colocados entre parênteses, e o próprio mundo circundante também, pleiteando encontrar o que o próprio Husserl chama “ingente a priori inato”, ou seja, a subjetividade transcendental, a essência da vida cognoscente, a consciência pura no sentido eidético-transcendental. Acerca da redução fenomenológica transcendental, diz-nos Husserl nas Conferências de Paris (1992, p. 28):

Elevamo-nos assim a uma intelecção metódica que, além do genuíno método da redução fenomenológica, é a mais importante

intelecção metódica da fenomenologia: a saber, que *o ego*, para falar como os que nos precederam, tem *um ingente a priori inato*, e que toda a fenomenologia [transcendental] ou a pura autorreflexão, metodicamente prosseguida, do filósofo é o desvelamento deste *a priori inato* na sua polimorfia infinita. Eis o sentido genuíno do inatismo, que o antigo conceito ingênuo, por assim dizer, rastreará, mas não conseguira apreender.

E ainda,

A subjetividade transcendental não é um caos de vivências intencionais, mas uma unidade da síntese, e de uma síntese multi-estratificada, na qual são constituídos sempre novos tipos objetivos e objetos individuais. Mas cada objeto designa uma estrutura regular para a subjetividade transcendental.

Se por um lado a consciência é sempre consciência de algo que se apresenta em seu modo típico, por outro lado, o objeto só pode ser definido em relação ao sujeito observador, uma vez que é objeto-para-um-sujeito. Ou seja, o objeto só tem sentido em relação à consciência que o visa. Destarte, as essências não existem fora da consciência. Consequentemente, para Husserl, a fenomenologia deve buscar, com rigor científico, a descrição dos atos intencionais da consciência (Noese) bem como dos objetos por ela visados (Noema), isto é, a tarefa da fenomenologia husserliana é a análise noético – noemática.

Ainda nessa abordagem, se a consciência é intencionalidade, não é uma coisa, mas o que dá sentido às coisas e, justamente, é a intencionalidade que faz com

que o mundo para nós exista como produto intencional, isto é, um conjunto de significações. Vale ressaltar que, evidentemente, Husserl em nenhum momento nega a existência do mundo exterior, todavia afirma que a fundamentação da existência do mundo transcendente é coisa totalmente distinta, uma vez que requer colocá-lo entre parênteses na redução fenomenológica, descrevendo o mundo tal qual se apresenta à consciência, ou seja, depurado de seus elementos empíricos.

#### **4 Pré-direcionalidade do Fluxo Intencional e as Sínteses**

Segundo Husserl, por mais que as experiências (ou vivências) passadas possam orientar o fluxo intencional da consciência no presente, é sempre possível obter novas impressões originárias do objeto intencionado. Além do mais, ainda que as experiências passadas possam influenciar a direcionalidade dos atos intencionais da consciência ao visar um objeto atual (pré-direcionalidade), tal influência se define pelo modo como a experiência atual acessa tal vivência passada, o que é chamado de retenção. Isso equivale a dizer que as experiências passadas redirecionam o fluxo intencional da consciência no ato de visar um objeto no presente, mas não somente, pois essa influência será medida pelo acesso que as experiências presentes têm a essas experiências passadas, o que propriamente é chamado de retenção. Dessa forma, a pré-direcionalidade do fluxo intencional atual da consciência está diretamente relacionada às retenções, isto é, aos resquícios de impressões primárias da percepção em momentos anteriores, retomadas à luz do acesso experiencial presente (novas impressões primárias), e que são articulados com as protensões no

horizonte intencional.

O fluxo imanente das vivências, portanto, possui uma tripla estrutura temporal: retenções - impressões primárias - protenções. Os atos da consciência transcendem as retenções, justamente pela possibilidade de serem percebidas novas impressões originárias na visagem presente e nas protenções, continuamente abertas no horizonte da intencionalidade.

[...] as retenções e protenções não ocorrem diretamente aos objetos da consciência, mas são mediadas pelos atos intencionais que resgatam e remontam os objetos ao campo experiencial do presente conforme seu horizonte. [...]

Husserl refere alta relevância ao monitoramento consciente no curso das retenções e protenções para a significação das experiências presentes. [...]

Assim, a intencionalidade é influenciada, no seu percurso significativo, por sínteses ativas, aquelas engendradas na instantaneidade das vivências, e por sínteses passivas, aquelas formadas na história dos vividos e direcionadoras das expectativas e horizontes experienciais. Neste ponto, a funcionalidade e a estrutura da consciência impõem um impasse entre o livre fluxo intencional das vivências e o limitante monitoramento egoico. Nota-se que o ego se refere ao fluxo intencional e ao ato noético, ou seja, a transição entre pré-reflexão e reflexão (CASTRO e GOMES, 2015, p. 93-94. 97).

Quanto ao conceito de síntese para Husserl, entendemo-lo como decorrente da noção fundamental de intencionalidade da consciência. São duas as modalidades de síntese: a ativa, que consiste na mudança atencional

entre um tema visado e outro, tendo bem presente que o fluxo da consciência é contínuo e, conseqüentemente, essa “migração atencional” é uma espécie de confronto entre as vivências já intencionadas e o que de novo se apresenta à consciência; a passiva, a qual pode ser entendida como o acúmulo de experiências, mas esse processo acumulativo (próprio da retenção) confronta a consciência de novos objetos.

A síntese ativa fundamenta o emergir da passiva, pois, como vimos, a mudança de atenção do fluxo fundamenta a modulação das associações das impressões primárias de percepções anteriores. Dessa forma, “a síntese ativa fornece nexos e significado às associações das sínteses passivas, em um movimento de retroalimentação atividade-passividade” (CASTRO e GOMES, 2015, p. 94). Daqui, podemos depreender o porquê de Husserl entender a consciência como “uma corrente de experiências vividas” que se auto colhe em um fluxo contínuo e de migração atencional.

## **5 Considerações Finais**

Edmund Husserl, no nosso modesto parecer, é um gigante que subiu nos ombros de outros gigantes, e assim, pôde galgar distâncias que os seus teóricos predecessores não conseguiram, ou somente anteviram. Podemos perceber que os seus conceitos trabalhados se erguem no terreno de outros pensadores, não obstante o processo de construção de suas ideias poder ser caracterizado como uma descontinuidade na continuidade. Isso é o que torna o espírito imortal.

Suspender as preconcepções, aquelas considerações já há muito teorizadas, neutralizar as mediações dos conceitos já formados; ir às coisas mesmas, analisar

suas múltiplas apresentações e buscar encontrar a sua identidade, a essência no fenômeno. Essa atitude tipicamente filosófica, ou fenomenológica-transcendental, requer, primeiramente, que abandonemos a atitude natural e ingênua, juntamente com a modalidade dóxica com a qual intencionamos os objetos e o mundo empírico. Posteriormente, exige o exercício da criticidade da consciência e o esforço, radical e constante, por admitir que a identidade e a inteligibilidade estão disponíveis nas coisas mesmas e que o si-mesmo no mundo é reconhecido como aquele para o qual o objeto intencionado se dá em si mesmo.

Aquele que quiser desbravar as veredas da filosofia, deve mergulhar profundamente em si próprio e, radicalmente, desconstruir os pressupostos e as ciências assimiladas por uma tradição já engessada em paradigmas tidos como consagrados. Em seguida, deve reconstruir, com rigor científico, o conhecimento filosófico como ciência do universal, procurando a evidência apodítica naquilo que cada si-mesmo no mundo tem de singular, a subjetividade transcendental. Dessa forma, descobrirá que nem o racionalismo ingênuo, que confere à razão atributos plenipotenciários, nem o positivismo absoluto da comprovação científica são os que validam as experiências humanas, mas, sim, o seu teor vivencial, decorrente da intencionalidade da consciência.

Por conseguinte, a fenomenologia é um método decorrente de uma atitude, a fenomenológica transcendental. Faz-se necessário compreender essa pura e radical autorreflexão no campo vital, ou seja, no âmbito da vida mesma, como um esforço por “retornar às coisas mesmas”, ao mundo da experiência vivida. Isso requer exercitar uma nova maneira de pensar e de perceber, pois

a percepção e a consciência são inseparáveis; inserir a proposta fenomenológica na prática vivencial, no cotidiano, na nossa vida mesma.

Acreditamos que compreender fenomenologia apenas explicitando seus conceitos básicos sem se dispor a mudar a forma de olhar o mundo, sem de fato praticá-la, seja tão difícil quanto conhecer o sabor de um bolo a partir das informações contidas na receita, a respeito dos seus ingredientes e da forma de misturá-los. Definir *epoché*, explicitar os passos da redução fenomenológica, os conceitos de intencionalidade, intuição e evidência, tudo isso pode ser apenas falar sobre o método. É obviamente muito importante entender todos esses conceitos, mas de pouco adianta saber tudo isso, e não compreender de fato o que significa viver fenomenologicamente. De nenhuma forma isso significa que o método não seja importante, mas ao contrário: isso significa que ele é importante demais para nos contentarmos em descrevê-lo em vez de praticá-lo (STRUCHINER, 2007, p. 242).

## Referências

BORBA, Jean Marlos Pinheiro; SOUZA, Simone Batista de. O essencial é saber ver: a atitude fenomenológica revelada na poesia de Alberto Caieiro. **Revista Nufen**, Belém, v. 6, n. 1, p. 15-42, 2014.

CASTRO, Thiago Gomes; GOMES, William Barbosa. **Da intencionalidade da consciência ao método progressivo regressivo em Husserl**. Psicologia USP, v. 1, 2014, p. 90-99.

DESCARTES, René. **Meditações metafísicas**. 3. ed. São

Paulo: Martins Fontes, 2011. 155 p

HUSSERL, Edmund. **Conferências de Paris**. Trad. Artur Morão e António Fidalgo. LusoSofia: Press, 1992. Extraído de [www.lusosofia.net](http://www.lusosofia.net), em 25/03/2020.

HUSSERL, Edmund. **A crise da humanidade europeia e a filosofia**. Introd. e Trad. Urbano Zilles. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

SOKOLOWSKI, Robert. **Introdução à fenomenologia**. Trad. Alfredo de Oliveira Moraes. 4. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

STRUCHINER, Cinthia Dutra. Fenomenologia: de volta ao mundo-da-vida. **Revista Abordagem Gestalt**, Goiânia, v. 13, n. 2, p. 241-246, dez. 2007. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-68672007000200009&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672007000200009&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso: 07 abr. 2020.

ZITKOSKI, Jaime Jose. **O método fenomenológico de Husserl**. Porto alegre: EDIPUCRS, 1994. 106 p.

Ricardo Pinho Souto

Professor e pesquisador do Curso de Filosofia (CTCH) da UNICAP. Doutor em Psicologia Cognitiva.

E-mail: [ricardo.souto@unicap.br](mailto:ricardo.souto@unicap.br)

José de Sá de Araújo Neto

Licenciando em Filosofia pela UNICAP.

E-mail: [josedesanetoofmcap@gmail.com](mailto:josedesanetoofmcap@gmail.com)

*Submetido: 15/03/2020*

*Aprovado: 20/04/2020*